

LEMBRANÇAS DE UM TIO: FACETAS MURILIANAS

Sandra Regina Chaves Nunes¹

Ao sacralizar-se a Arte, a imagem do artista como artesão desloca-se. Nesse deslocamento, sua figura alça-se à do gênio criador. A construção dessa aura dá-lhe o *status* de um deus; conseqüentemente, de inatingível. Essa arquitetura social, necessária às reivindicações dos que ansiaram por um lugar outro para a Arte, cria a ilusão de que todo artista vive isolado em sua própria produção estética. Sem família, amigos, festas, cotidiano. O gênio criador ofusca o homem em sua esfera privada, com os pequenos heroísmos construtores das vivências em sociedade.

É essa dimensão humana que a conversa com familiares e amigos permite resgatar. Nela (re)construímos o autor e compartilhamos de sua existência. O desejo de reconstruir Murilo Rubião, em 2007, levou-me a diferentes documentos: cartas, fotografias, manuscritos, recortes de jornal. Mergulhada no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), revivendo os círculos do escritor, aflorou um novo desejo: entrevistar aqueles que estiveram no entorno de Murilo, ou “Murilote”, como era chamado por alguns.

Rememorei com Rui Mourão, Angela Lago, Bartolomeu Queiroz, Edmur Fonseca, Petrônio Bax, Jaime Gouvêa, Ângelo Oswaldo, Márcio Sampaio e Antonio Candido a trajetória rubiana, em seus diferentes aspectos e momentos. Essas conversas-entrevistas revisitaram, principalmente, o escritor-gestor, o homem público, o criador e implementador de política cultural em Minas Gerais.

Uma dessas andanças fez-se com **Sílvia Rubião**, sobrinha e herdeira do escritor Murilo Rubião. Jornalista, editora, gestora e produtora cultural, dedica-se singularmente à obra de seu tio, espelhando a generosidade rubiana e a preocupação com a formação de público para arte e literatura. Espero que suas lembranças sejam apreciadas por todos, como foram por mim.

¹ Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades, do DIVERSITAS, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Professora de graduação na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) e Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC). Estudiosa e autora de estudos sobre a obra e vida do escritor mineiro Murilo Rubião.



Sílvia Rubião,
2014

Foto: Orlando
Bento

Quais as suas lembranças mais marcantes do Murilo?

Minhas lembranças são de uma pessoa realmente muito ativa, muito procurada, presente em todos os momentos em que a classe artística e cultural tinha que se mobilizar em torno de alguma coisa. Não me lembro de episódios ou de momentos específicos, mas sei que muitas vezes, no período da ditadura militar, ao cumprir o papel de porta-voz dos intelectuais, ele teve que se posicionar. Ele não era uma pessoa que se fechava na criação literária, negando-se a assumir outros papéis. Isso me parece uma coisa muito interessante da personalidade dele, porque, além de escritor, ele foi uma pessoa que se dedicou efetivamente à Cultura. Ele desempenhou muito bem essa função de mediador cultural, num momento em que todos os expoentes da sua geração já não moravam mais aqui.

Ângelo Oswaldo usou a expressão “secretário informal da cultura” para o papel que ele desempenhou; uma espécie de embaixador cultural numa época em que a Cultura não tinha esse *status* governamental. Ele cumpriu essa função, não só por estar à frente de instituições importantes, mas por ser uma liderança reconhecida. Era uma pessoa muito querida, que transitava, não só pela literatura, mas também pela área do teatro, artes plásticas, convivendo com a intelectualidade e com a academia.

Parece-me que se sentia responsável por construir um território para as artes, já que os outros haviam saído e ele havia ficado aqui em Minas. Assim, acabou por dar continuidade a um gesto que, de alguma forma, teve início com a geração de Drummond, de Emílio Moura...

Ele exercia uma liderança natural. Era uma pessoa que se envolvia, um empreendedor mesmo, pois percebia as oportunidades. A questão de Ouro Preto é muito significativa, porque a cidade estava completamente abandonada. Hoje há uma consciência maior, uma cobrança maior das pessoas. O poder público faz-se mais presente. Mas há alguns anos isso dependia muito de iniciativas individuais, de pessoas que chamavam pra si uma causa. Essa é uma faceta interessante, porque ele tinha um lado introspectivo, de escritor solitário, que vivia sozinho e se isolava na sua criação, mas tinha esse outro lado, de pessoa gregária, que estava sempre com gente em volta, mobilizando as pessoas, aglutinando-as em torno de alguma ideia, de alguma proposta. Assim surgiram o Suplemento Literário e a Fundação de Arte de Ouro Preto, FAOP. Para tudo o que precisasse pontualmente de uma ação, de uma mobilização, ele estava sempre pronto.

O que se vê é que, mesmo afastado do Suplemento e da Fundação de Arte de Ouro Preto, sua atuação continua.

A Escola Guignard e o Palácio das Artes são outros exemplos de iniciativas, que tiveram a sua participação e hoje estão aí consolidadas. Há outra coisa interessante: ele reunia muita gente nova em torno dele.

Esse é um ponto bastante enfatizado sobre sua personalidade.

Murilo abriu o caminho para novos escritores e nisso o Suplemento teve um papel fundamental. O Jaime [Prado Gouvêa] fez parte, diretamente, desse grupo que gravitava em torno dele, que tinha uma convivência estreita, e que ele fazia questão de estimular, de dar oportunidade. Na literatura, o estímulo foi bastante forte, mas em outras artes também. Como ele sempre estava presente nessas rodas, convivia com jovens de outras áreas, com pessoas mais idealistas, que estavam investindo em algum projeto, em alguma ideia nova. E ele sempre ali, criando condições, estabelecendo um bom trânsito com a área governamental.

Esse transitar pode ser visto pela sua participação em diferentes governos, de diferentes tendências. Você acredita que isso se dava por ele não se envolver em “política” e por ter a Cultura como o ponto central?

Ele realmente não tinha militância partidária. Foi muito ligado a Juscelino, com quem trabalhou. Passado esse período, por se limitar à área de Cultura, adquiriu legitimidade para atuar. E, mineiramente, não era uma pessoa de confronto, então conseguia as coisas com sua capacidade de articulação. Pode-se dizer que ele sempre foi uma liderança que atuava discretamente.

Há uma certa diplomacia em sua postura, em sua consciência sobre até onde poderia ir, até onde não...

Sim. No Suplemento, ele enfrentou censura, mas conseguiu abrir um espaço. Além da censura política, enfrentou os preconceitos da tradicional família mineira. Foi muito forte ao confrontar esses preconceitos, esses tabus todos, para abrir o Suplemento para as vanguardas. Esse é um papel importante também.

Essa força torna-se perceptível quando se lê os números do Suplemento Literário. Vê-se que ele dá espaço para diferentes tendências estéticas. Ao mesmo tempo em que publica Antonio Candido, publica Haroldo de Campos, os concretistas...

E nas artes plásticas ele também abre caminho para os jovens artistas. Seu espírito de mineiro, dentro daquele aparente tradicionalismo e conservadorismo, está sempre aberto para um espírito libertário, meio conspirador, de estar sempre buscando o novo.

Outra grande preocupação era com a esfera pública, com a verba pública. Como alguém que conhecia muito a escassez de recursos do Estado, tinha consciência da necessidade de se evitar o desperdício. O Jaime [Prado Gouvêa] disse-me que ele não gostava do desperdício nas páginas do Suplemento e o José Bento [Teixeira Salles] enfatizou muito o rigor com a ordem, com o cumprimento dos horários, com a imagem do setor público. Uma preocupação que não se relacionava só à sua figura.

Era muito consciencioso, muito sério, em tudo que fazia. As pessoas que trabalharam com ele diretamente o descrevem assim: uma pessoa de vida regrada. Eu diria que tinha uma vida regrada por ter uma vida simples, sem luxo. Ele se adaptava bem à rotina, não gostava muito de viajar, mas também não se enquadrava no modelo

individualidade. Era boêmio, gostava de virar a noite nos bares, rodeado de amigos. Gostava de pequenos grupos, daquela conversa tranquila, em algum lugar.

Havia uma diferença entre os grupos frequentadores dos bares Lua Nova e Gruta MetrÓpole. José Bento afirma que Murilo preferia o Lua Nova, pois ali era o espaço da “intelectualidade”, onde se discutia e se encontrava pessoas de diversas áreas: teatro, cinema... Uma boemia refletora do cenário cultural.

O Lua Nova tinha um público mais jovem, uma geração ligada a diferentes formas artísticas. A Gruta MetrÓpole era mais frequentada por jornalistas, pois era do lado da redação do Estado de Minas. As pessoas mais próximas da minha geração frequentavam o Lua Nova e não a Gruta MetrÓpole. Mas nessa época eu era muito nova, uma adolescente. Mais tarde passei a frequentar essas rodas culturais, mas não com ele. Minha ligação com ele deu-se pela literatura e pela vida familiar.

E como era a relação dele com a família? Era próximo ou não?

Não muito, pelo próprio estilo de vida. Ele era uma pessoa muito afetuosa, apesar de não se enquadrar no comportamento tradicional de outros meus tios que tinham família e filhos da nossa idade. Todos tinham um estilo de vida mais ou menos parecido, ele não. Mas participava de todas as datas festivas. Sempre foi muito atencioso. No Natal, dava presente para todo mundo. Nas viagens, quando morou na Espanha, chegava com a mala cheia de presentes. Sempre foi muito disponível para nos ajudar com trabalhos de escola. Só não gostava de emprestar seus livros, preferia comprar e dar, porque sabia que o livro ia e não voltava. Eu me lembro quando fiz minha festa de 15anos. Como ele era da Rádio Inconfidência, foi lá e selecionou todas as músicas que eu queria. Era uma pessoa que estava sempre muito disponível, muito afável. Essa era uma faceta especial daquela figura que parecia muito séria, mas não era propriamente assim.

Para tocar em algo que foi bastante discutido pela crítica: Murilo falava sobre processo de escrita, sobre sua obra, com a família?

Não. Sobre o seu processo criativo, tomei conhecimento pesquisando o acervo dele. Sei que anotava muita coisa em pedaços de papel, pequenos bilhetes, que guardava no bolso, até chegar em casa. Mas ele só produzia quando estava bem. Quando esteve mal de saúde, parou completamente. Foi justamente quando teve câncer e custou a se convencer de que estava curado. Após os cinco anos dados

pelos médicos, para que a pessoa se considere curada, ele começou a produzir de novo.

Pouco depois, meu pai, Paulo Emílio Rubião, morreu de um câncer que evoluiu muito rapidamente. Isso o abalou demais. Um ano depois, ele morreu. Meu pai, seu único irmão (eles tinham mais duas irmãs), era um ano mais moço que ele. Os dois eram muito ligados, apesar de serem bem diferentes no estilo de vida. Meu pai era médico e professor na Escola de Medicina, com uma vida voltada para os estudos médicos e para a família.

**Sobre as namoradas de Murilo, você chegou a conhecer alguma?
Cita-se bastante a Vanessa Neto.**

A Vanessa não foi propriamente uma namorada, foi uma musa de sua geração. Acho que ele pode ter tido alguma paixão por ela, porque havia um retrato dela muito bonito, que ficava em cima da mesa da sala de sua casa. Ele teve algumas namoradas, mas elas não frequentavam a família. Eu só vim a conhecer uma delas, quando ele morreu. Os amigos que tinham uma convivência mais próxima com ele acabavam ficando sabendo, mas ele era sempre muito discreto.